

## A CICLOVIA ALÉM DO ASFALTO: INFRAESTRUTURA, EDUCAÇÃO E CULTURA NO TRÂNSITO

Calebe Hilgert<sup>1</sup>

A ciclovia existe no asfalto, mas sua compreensão ainda está em construção na cultura urbana. Em Porto Alegre, assim como em outras cidades brasileiras, a infraestrutura cicloviária tem sido objeto de iniciativas pontuais, mas ainda enfrenta desafios significativos relacionados à continuidade, manutenção e consolidação de seu uso no cotidiano urbano. Nesse contexto, a mudança necessária vai além da obra física: trata-se de um processo de educação para o trânsito.

Nos últimos anos, a bicicleta tem ganhado espaço nas cidades não apenas como alternativa de mobilidade, mas como elemento relevante na organização do trânsito urbano. Cada bicicleta em circulação representa, potencialmente, um veículo motorizado a menos nas vias, contribuindo para a redução de congestionamentos, emissões e conflitos. Nesse sentido, a bicicleta não é apenas uma escolha individual, mas uma decisão que impacta diretamente o sistema viário.

No entanto, a discussão sobre ciclovias não pode se limitar à sua dimensão física. Mais do que faixas pintadas ou intervenções de engenharia, esses espaços carregam um significado funcional dentro do sistema viário. O Código de Trânsito Brasileiro define a ciclovia como pista própria destinada à circulação de ciclos, separada fisicamente do tráfego comum, e a ciclofaixa como parte da via delimitada para uso exclusivo de bicicletas. Essas definições evidenciam que não se trata de

---

<sup>1</sup> Departamento Estadual de Trânsito do Rio Grande do Sul - Contato: calebeluiz@gmail.com

espaços genéricos, mas de estruturas voltadas à segurança e à organização do trânsito.

Na prática, porém, observa-se um descompasso entre essa definição normativa e a forma como esses espaços são percebidos no cotidiano urbano. É comum observar ciclovias sendo utilizadas por pedestres, corredores, pessoas acompanhadas de animais de estimação ou mesmo por quem conduz carrinhos de bebê. Ao percorrer os pouco mais de 9 quilômetros da ciclovia da Avenida Ipiranga, em Porto Alegre (RS), no trecho que vai da Orla do Guaíba até a Avenida Antônio de Carvalho, percebe-se, de forma praticamente contínua, a presença desses usos ao longo do trajeto. Essa utilização indevida interfere na fluidez da circulação, reduz a previsibilidade do ambiente e compromete as condições de segurança para todos os envolvidos.

Situação semelhante ocorre nas ciclofaixas. Por estarem inseridas junto à via de circulação de veículos, é comum a ocupação desse espaço por automóveis em paradas rápidas para embarque e desembarque de passageiros. Essas interferências, muitas vezes naturalizadas no cotidiano, comprometem a segurança do ciclista e evidenciam a fragilidade dessa infraestrutura quando não há compreensão coletiva sobre sua função.

Esses exemplos não devem ser interpretados apenas como condutas individuais inadequadas, mas como indicativos de que a função da infraestrutura cicloviária ainda não está plenamente consolidada no imaginário coletivo. Quando o significado de um espaço viário não é compreendido, sua forma física deixa de ser suficiente para orientar o comportamento. A ciclovia, nesse sentido, deixa de ser reconhecida como um dispositivo de segurança e passa a ser percebida apenas como mais um espaço disponível na cidade.

A experiência recente de Porto Alegre reforça essa reflexão. Durante a enchente de 2024, a ciclovia da Avenida Ipiranga foi duramente atingida, e ainda há trechos indisponíveis para a circulação de bicicletas. A recuperação dessa infraestrutura é fundamental, mas não suficiente. A reconstrução da ciclovia exige mais do que obras: exige a reconstrução do seu significado no espaço urbano.

Outro aspecto importante é reconhecer que a bicicleta não se limita ao deslocamento utilitário. Ela também está associada a práticas de lazer, atividade física e bem-estar. Essa multiplicidade de usos amplia sua relevância social, mas também exige clareza na delimitação de funções. Quando a ciclovia passa a ser percebida apenas como espaço de convivência ou recreação, perde-se parte de sua função essencial como infraestrutura de segurança para o ciclista.

Nesse contexto, a educação para o trânsito assume papel central. Mais do que transmitir regras, educar significa promover a compreensão dos papéis de cada usuário e do significado dos espaços viários. Os órgãos de trânsito têm papel fundamental na promoção de ações educativas específicas sobre o uso adequado das ciclovias e ciclofaixas, contribuindo para a construção de uma cultura de respeito e convivência.

Ao mesmo tempo, é importante destacar que o ciclista também é agente do trânsito e possui responsabilidades. O respeito às normas de circulação, a condução atenta e o uso de equipamentos que aumentem a segurança, como sistemas de iluminação, são práticas essenciais para a redução de riscos. O uso de capacete, embora não obrigatório, é amplamente recomendado como medida de proteção individual.

A crescente presença de novos equipamentos de mobilidade individual, como bicicletas elétricas (e-bikes), patinetes e veículos autôpropelidos, também altera significativamente a dinâmica de uso das ciclovias e ciclofaixas. Esses veículos, capazes de atingir velocidades mais elevadas, ampliam a complexidade da convivência nesses espaços. A combinação de diferentes velocidades e perfis de usuários exige maior previsibilidade e respeito às funções da infraestrutura, sendo essencial para a prevenção de sinistros no trânsito.

A construção de um trânsito mais seguro depende de corresponsabilidade. Infraestrutura, legislação e educação precisam atuar de forma integrada. Experiências de cidades como Amsterdã e Paris demonstram que a consolidação da bicicleta como parte do sistema de mobilidade urbana é resultado não apenas de investimentos físicos, mas de um processo contínuo de transformação cultural.



Em Porto Alegre, esse caminho ainda está em construção. A ampliação e qualificação da infraestrutura cicloviária são fundamentais, mas garantir que esses espaços sejam compreendidos e respeitados é igualmente necessário. A ciclovia existe no asfalto, mas sua efetividade depende de algo menos visível: o entendimento coletivo de seu papel no trânsito.